

FHC

# Os dez anos da esperança do Presidente

IGNÁCIO DE ARAGÃO

Advogado e jornalista

JORNAL DE BRASÍLIA

17 SET 1997

O presidente Fernando Henrique, há duas semanas, vestiu a roupagem de sociólogo que reconhecidamente lhe cai muito bem, e deu importantíssima entrevista à revista "Veja", edição de 10 de setembro. Deu, é forma de dizer, pois entrevista daquela profundidade não se dá, escreve-se. E nela, dirigida obviamente à classe intelectual, ao segmento político da Nação, à sociedade mais relevante, ao ambiente acadêmico e aos que sabem ler e entender essas coisas, o Presidente analisou o neoliberalismo, a globalização e a função e ação das esquerdas, concluindo por declarar-se um combatente contra o neoli-

beralismo prático, por reivindicar a sua condição de esquerdista em detrimento dos que assim se declaram mas não o são e terminou por confessar que o poder do Presidente é em síntese e simplesmente o de persuadir. A entrevista merece ser lida e meditada.

Porém, para o interesse e o enten-

dimento do povo, há que destacar-se, da entrevista, dois tipos de afirmação do Presidente, dignas de exame e cuidadosa apreciação. A primeira foi a de que acredita tenha o Brasil a possibilidade, por causa da força de sua economia e potencialidades físicas e naturais, de, dentro de dez anos (ou seja até

2007), ser um país capaz de se integrar sem se desintegrar. Disse que sua visão do Brasil, daqui a uma década, é extremamente otimista: com mais democracia, mais inclusão e maior capacidade de tirar proveito das condições naturais e das oportunidades. Na segunda, o Presidente declarou peremptoriamente: "E devemos tomar cuidado para não termos dois Brasis, o que se

internacionaliza e o que fica à margem, o que prospera e o que fica parado".

Ficamos todos contentes que o Presidente tenha essa visão e expectativa do futuro. Mas, com a prudência que um assunto dessa ordem aconselha, temos que convir ser muito pequeno o prazo de dez anos para encai-

xar a sua esperança. Ainda mais por que os atos que levariam o País a aproveitar-se das suas potencialidades físicas e condições naturais são todos de natureza política e governamental e, nesse campo, o tempo não se mede pelo calendário comum mas pelos achegos necessários à sua implementação, os quais são, em regra, de longa duração. Dez anos são assim um tempo muito curto para isso. Quanto ao temor de que venhamos a ter dois Brasis, perdê o Presidente a má palavra mas já os termos. Há muito venho dizendo, sem contestação válida, que os Brasis A e B se separam ali no

rio Jequitinhonha, que divide Minas da Bahia. Para o sul, é o A, rico e próspero. Para cima, é o B, este que assusta o Presidente. Para que as esperanças do Presidente se concretizem, não em dez, ainda que seja em vinte anos, será preciso, entretanto, começar a plantá-las desde já, fazendo virar a ação do

Estado para o desenvolvimento do Brasil B, tal como foi feito, a partir da década de 30, para o desenvolvimento do Brasil A. A partir de então, o Brasil B foi deixado parado até agora, salvo um ou outro empurrãozinho para ver se ainda estava vivo.

O Presidente deveria separar as ações do seu Governo, direcionando-as autônoma e especificamente também para o Nordeste (conceito do Brasil-Holandês) e para a Amazônia (conceito do Estado do Grão-Pará), a fim de que pelo menos uma parte de suas esperanças se possa concretizar durante aqueles sonhados dez anos. Porque, se nesse período, essas duas importantes regiões, de riquíssima poten-

cialidade natural, não se acharem em processo dinâmico de desenvolvimento, a integração nacional poderá ficar meramente ilusória e deixar-nos expostos à ganância dos que têm inveja do nosso tamanho e riqueza. Palavras só não são suficientes; às palavras, será preciso juntar a ação.

**Os Brasis A e B se separam ali no rio Jequitinhonha. Para o sul, é o Brasil A, rico e próspero. Para cima é o B, este que assusta o Presidente**

